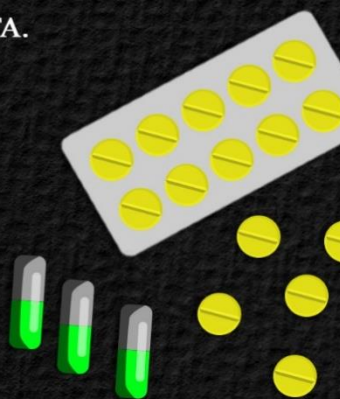


“O pano de fundo tornou o livro numa obra de imensa grandiosidade, pois é abordado um tema muito importante em nossa sociedade.”

EMÍLIA CALUNGA, RESENHISTA.



CLÉLIA



BONDI
KIALA

AUTOR DE “NOITE DE CHUVA”



BOX DE NATAL

PRINCESA
DESENCANTADA

INPUT



NADIORETH

TIA
MARIA

LUZES DE NATAL

LOIDE EUNICE VIEGAS

NATAL DE PAPEL

DANIEL SAID

CAPA | COPIDESQUE | REVISÃO | DIAGRAMAÇÃO | ARTE GRÁFICA

ANTÓNIO DE MATOS | BONDI KIALA

CLÉLIA

BONDI
KIALA

AUTOR DE “NOITE DE CHUVA”



BOX DE NATAL



INPUT — EDITORA

© Bondi Kiala, INPUT - EDITORA, 2021

Protegido, de acordo com o estipulado no Código
do direito de autor e conexos.

ISBN: 978-989-53297-1-7



INPUT – EDITORA



VENCEDOR
LIVROLÂNDIA AWARDS 2021
MELHOR EDITORA

Vencemos, mas o galardão não é apenas nosso. Em nome de toda equipa da *Input-Editora*, dedicamos este prêmio às editoras da nova geração que, todos os dias, contribuem para a diversificação da literatura angolana. E, também, para você que tem acompanhado o nosso percurso nesta estrada cheia de pedras.

OBRIGADO!



PARTILHAR – RESENHAR – OUSADOS

Para melhor experiência,
nesta versão do e-book em particular,
ler apenas em PDF.

VENDER – PLAGIAR – MEDROSOS



*À prestigiosa Clélia Rosilene,
e a pessoal do grupo G.E.L.E.LA.*



PRÓLOGO

– *Oswaldo*, pára com isso... assim fico sem jeito.

Ele não tirava seus olhos de mim; idolatrava-me, aquilo me fascinava.

– Eu sempre vou olhar teu rosto, tua face é mais bela que o oceano – declamou, sorrindo em cima de mim. – Teus olhos me transmitem paz, são como bálsamo em meu corpo dorido.

Ele amava ver-me sem os óculos.

– Ah, fala sério – contestei –, ninguém olharia tanto assim pra minha cara, nem mesmo você. Sem contar que detesto me ver sem os óculos. Já agora, onde você enfiou os meus óculos? Preciso deles.

Ele afastou-se, sentou na cama, e chamou por mim num sussurro.

– Que foi? – perguntei.

– Não foi nada, amor – disse ele, enquanto seus olhos de pantera desfilavam em minha face. – Só

quero que saiba que, quando tudo estiver ruim, ou quando tudo parecer chegar ao fim... quero que saiba que você é a última coisa que quero que os meus olhos vejam. Te amo *sessenta vezes sete*.

Estendeu a mão e devolveu-me os óculos.



ESTRESSE

22 | DEZEMBRO

Para mim, os últimos dias estavam a ser uma tremenda porcaria. O natal estava próximo, mas meus instintos diziam-me que tudo estava prestes a desmoronar. Queria poder não desconfiar dele, ele era o meu marido. Contudo, quase todos os dias aconteciam as mesmas coisas. De manhã, quando o sol raiava e as nuvens eram rasgadas pelos raios ultravioletas do astro rei, ou ainda de noite, quando as estrelas deslizavam em comunhão sobre a abóbada celeste; em todos esses momentos, repletos de beleza e textura, eu sempre pressentia o pior, eu desconfiava que estava a ser observada — *o tempo todo*.

Depois de algumas semanas a deduzir como e quando minha morte chegaria, tive que me render ao colapso mental. Definitivamente, eles estavam atrás de mim; meu próprio marido queria a minha morte.

Poderia existir um vilão pior que um marido ciumento?

— Então, *Clélia*, você tá a me dizer que ele quer te fazer mal?

Meus olhos contemplam a sala cinza e o rosto redondo do *Mateus*. Sua barba preta deixa-me em êxtase, a forma como ele pronuncia as palavras é de macho alfa. Sua postura transborda o poder de nossos ascendentes caçadores. *Mateus* é a prova viva de como nossos antepassados africanos eram fortes. Passei a frequentar o ginásio por culpa dele. Com um marido chato, só um amante musculado para saciar minhas fantasias sexuais.

— *Clélia*, você poderia parar de olhar pra mim assim? — diz ele. — Até parece que queres me comer com os olhos.

Que desgraçado. Pensei. Ele ainda acha que é tudo fruto da minha cabeça.

— Pára de olhar assim pra mim, seu tonto — digo, com certo timbre de ironia. — Ele tá desconfiado, acha que estamos a ter um caso. Acho que começou uma conspiração contra mim.

— Uma conspiração, é?! — curva-se, a fim de tocar a mesa que nos separa e ficar mais perto de mim. — É sério mesmo, *Clélia*? Uma conspiração?

— Então eu estou a ficar maluca? — pergunto. — Escuta, *Mateus*. Não é só ele, na verdade, todos estão contra mim. Até meus filhos já nem olham pra mim. Agora ele decidiu mandar os miúdos passarem o natal

na casa de meus pais. Francamente, eu sei que ele quer me separar dos meus filhos. Eu já não quero continuar casada com ele, nosso casamento acabou faz um bom tempo. Ele me maltrata, tem dias que nem fala comigo. Mudou seu jeito de ser comigo, eu amava ele, eu gostava dele, mas ele já não é o mesmo.

— O teu marido é um pouco difícil, mas acho que você devia descansar, Clélia. Talvez as coisas voltem ao normal — diz. — E, acredita, quando tudo voltar ao normal, você vai perceber que perdeu muito tempo com coisas inúteis.

— Você tem medo do meu marido — declaro —, eu quero ficar com você, eu quero dormir com você, quero sentir você a tocar meu corpo, Mateus. Será que você não entende?

Mateus levanta. Seus óculos retangulares combinavam com sua bata branca. Ele respira fundo, aponta a porta para mim e ordena:

— Fora daqui, isso já passou dos limites!

Tiro a bolsa do colo. Ergo-me, reparo em sua gravata azul presa num nó perfeito. Por dentro da bata, Mateus traça de um belíssimo terno azul-escuro, tão intenso quase a cor da maldade. Sua pele castanha reflecte a luz pálida do gabinete.

Deve ser a noiva dele que fez o nó da gravata.

— Escuta — diz ele, como se fosse pedir perdão. — Clélia, o teu marido te ama muito; aquilo que nós tivemos, bom... ah, foi um erro. E também só foi uma vez. Quando você chegar em casa, tenta relaxar e...

Atiro a bolsa na cara dele, não deixo que termine a ofensa que estava prestes a fazer. Ele bate contra a parede na tentativa tola de esquivar a pasta arremessada por mim.

– Pára com isso, Clélia – diz baixinho.

Mateus teme que todos no consultório descubram que eu seja a amante dele. Ele tem medo de que as pessoas percebam que a mulata, a bonita esposa do Osvaldo *Nkula Luwualo*, seja a amante do psicólogo Mateus *Matade*.

– Nunca mais me trate como se eu fosse uma de suas pacientes – indago, furiosa. – Eu vim aqui me abrir e te contar sobre as possíveis perseguições que tenho tido e você me vê como paciente e me manda relaxar?

Ele desvia o rosto de mim, envergonhado.

– Ah, mas quando é pra te deitares comigo isso não acontece – acrescento. – A tua vontade de agarrar numa carne fresca é mais forte quando estou nua, nê? O Osvaldo descobriu sobre nós, eu te disse que mandou me seguirem. Se acontecer alguma coisa comigo, juro que vou te esfaquear, seu desgraçado.

Pego a minha bolsa e retiro-me de seu gabinete. Passo a secretária, entro no elevador.

Desço.

Como ele foi capaz? Ele quis me mandar tomar medicamentos como se eu fosse sua paciente... Ele me usou.

Os homens não prestam, tanto Mateus como o meu marido Osvaldo não prestavam para nada –

além de pagarem bem as contas. Eu abri-me para eles, dei-lhes o meu coração e, como se fosse um castigo da vida, fui decepcionada pelos dois. Bando de desgraçados.

O elevador pára, a porta abre. Saio para fora, entro no meu carro e coloco o cinto. Atiro a bolsa para o banco ao lado, os remédios saem da pasta. Recolho tudinho.

Já basta ser usada por dois homens.

Se eu ficar grávida, vou usar esses remédios para abortar a porcaria da criança.



DILEMA

23 | DEZEMBRO

Aquilo aconteceu pela minha tolice, eu não devia ter aceitado entrar naquele carro. Maldita hora que aquilo ocorreu. Mas já aconteceu. Pronto.

Eu acordei de madrugada, cheia de energia. A disposição era enorme, isso depois do estressante dia que tive lá no gabinete do Mateus. Levantei da cama, coloquei meus óculos e deixei o Osvaldo, meu marido, a dormir. Restavam poucos dias para a noite de natal, eu ainda não sabia onde e com quem passaria. Por mais irónico que fosse, eu queria estar com meu marido no mar, para sentirmos juntos o vento salgado no rosto.

Andei até à cozinha, comecei a lavar a louça. A água fria saía da torneira, o ruído da queda do líquido incolor era encantador. Peguei na esponja e limpei o primeiro prato. De repente, escutei o som das vacas do

campo. A fazenda tinha essa particularidade, antes do clarear do dia, as vacas já começavam a fazer das suas, isso incluía os outros animais também. Minhas mãos ficaram escorregadias, minha pele tornou-se murcha. Decidi tirar a aliança dourada de meu dedo e pousar sobre o balcão.

Saí da cozinha, voltei para a sala com o objectivo de colocar uma música calma, talvez ouvir um ruído da chuva em algum canal do *Youtube*, mas, já quase lá, senti desejo de comer uma boa carne temperada com bastante vinho.

Será que fiquei grávida?

Era o que me faltava.

Voltei à cozinha e coloquei a comida no fogo. Aquilo trouxera calor para mim e fez-me bem.

Saí da cozinha, corri para pegar um casaco no quarto. Osvaldo continuava deitado, a dormir, tão fofo e belo, como o filhote de leão.

Retirei-me do quarto, deixei o moribundo continuar seu sono.

Abri a porta de casa, o dia estava prestes a nascer. Concordei comigo mesma que uma caminhada em plena madrugada, pertinho dos animais e plantas, far-me-ia muito bem — ainda mais se eu estivesse grávida. Ainda não sabia que nome daria para a criança.

O que era para ser apenas uma caminhada tornou-se numa maratona. Corri pelas imensas plantações de milho três vezes e ainda restavam energia dentro mim. Gravidez estava fora de questão. Eu estava muito

forte, como se tivesse bebido meio litro de energético. Alguns empregados da fazenda já começavam a despertar.

– Bom dia, Sra. Clélia – cumprimentou-me alguém. – Muito cedo pra uma mulher casada, não!? E onde foi a aliança?

Que audácia da parte dele, como ousa falar comigo dessa maneira!?

Fiquei irritada.

– Vê se enfia essa pergunta na porcaria da garganta da tua mulher – falei, com suor por todo meu rosto. – Agora desapareça da minha frente, seu preto!

Respirei fundo. Subi os degraus da varanda, os raios do sol batiam em minhas costas.

Entrei dentro de casa e, então, as minhas suspeitas tornaram-se verdadeiras. Um homem estranho estava na sala, de pé.

Suspeito.

Como ele entrou aqui?

Ele olhava-me com seus olhos pretos. Tentei fugir, mas alguém me agarrou por trás.

Merda!

– Me larga... – ralhei-lhe. – Eu sou a patroa aqui, me deixa em paz, seu desgraçado. Me deixa!!

Os óculos escorregaram de meu rosto e, imediatamente, tudo ficou embaçado para mim.

Eles não me escutavam, nem tinham pena de mim. Meus gritos não eram ouvido por mais ninguém, eu

gritava, porém, meus alaridos mesclavam-se ao som dos animais.

Como é possível ninguém me ouvir?

Eles amarraram minhas mãos. Um dos homens tinha uma aliança igual a minha nas mãos.

Droga. Era a minha aliança, ele roubou. Eu deixei no balcão da cozinha. Que ideia idiota de deixar uma aliança banhada em ouro puro sobre o balcão da cozinha!

Supliquei em alta voz por meu marido, apesar de detestar o Osvaldo, clamei por ele, gritei para que tivesse compaixão de mim. Pedi que fizesse esses imbecis e brutamontes pararem de tentar prender-me. Eu sabia que tudo fazia parte do plano do Osvaldo, ele queria dar uma lição pela traição, ele queria acabar comigo.

E foi naquele mesmo instante que eles obrigaram-me a entrar naquela viatura branca. Eu não queria entrar, mas eles, usando sua força masculina, acabaram por conseguir prender-me no porta-malas. Dei um chute nos testículos do desgraçado que tivera a audácia de usar a minha aliança. O pontapé, embora fraquíssimo, fê-lo largar minha mão. Saltei para fora do porta-malas, consegui escapar e fugi pela fazenda, minhas mãos estavam amarradas ainda, mas eu consegui correr — apesar de não estar a ver muito bem. Entrei nos estábulos, espalhei palhas e capins; minha presença ficaria marcada pela desordem. Como consequência, afugentei os animais. E, devido a falta

de boa visão, tropecei numa peça de metal. Acabei por ser pega.

Eles conseguiram trancar-me naquele carro. Eu chorei.

Onde estão aqueles empregados inúteis?



SOBREVIVER

24 | DEZEMBRO

Meus pés escorregam na lama, meu corpo é acolhido pela terra avermelhada, bato com a cabeça na terra molhada.

Ainda no chão, consigo perceber que o lugar é pantanoso.

Droga.

Sinto o mundo a rodar, a vertigem faz-me querer expelir toda comida que ingeri há alguns dias. Coloco a mão na boca a fim de evitar um possível vômito. Levo cerca de trinta segundos para adaptar-me ao cenário; o cheiro é podre como estrume.

Ajoelho, rendo-me à fadiga. Lanço a cabeça para frente e contemplo o campo vasto. Vejo que em algum ponto da minha vista, o céu toca a terra. As árvores dão um aspecto tenebroso ao lugar, elas formam um corredor, e eu estou no centro. Os muros das árvores à

esquerda e à direita são de tirar o fôlego. Meu espanto aumenta no segundo que noto mais de dez cadáveres ao longo do caminho, todos os corpos estão despídos, completamente nus. O primeiro corpo é de uma mulher jovem de cabelos cacheados como os meus. A diferença está na tonalidade do tom da pele, ela possui a pele mais gélida, sua tez acastanhada está repleta de bichos que roem seu corpo.

Levanto. É bem possível que os meus sequestradores estejam a vir atrás de mim. Por esse motivo, devo correr e não olhar para trás — em hipótese alguma olhar para trás.

Enquanto corro, meus seios firmes e saudáveis saltam, dançam a música da pressão causada pela perseguição. Meu vestido coberto pelo lamaçal segue a brisa fraca da madrugada de sexta-feira.

Ou deve ser sábado? Já é natal?

E se for, seria a péssima forma de passá-lo.

Que Deus me livre de tal dilema.

Preciso correr, tentar achar uma forma de voltar para casa e pedir ajuda.

Escuto meus opressores a gritarem, eles brigam um com o outro. A minha fuga deixara o *número dois* — o desgraçado que roubara a minha aliança — muito zangado.

Eu não sei os nomes deles, daí chamá-los por números.

Continuo a correr, meu coração enfurece, sinto o sangue a ser bombardeado por todo meu corpo. O estado de minha alma faz com que eu, em alguns

momentos, afunde os pés no lodo. Insisto e continuo a corrida. Parar não é opção. Meu coração bate forte, o pulmão aquece como magma, tal e qual um vulcão prestes a entrar em erupção.

Não posso parar...

Não agora...

Tudo fica turvo, as cenas distorcem-se como em uma vidraça embaçada pela água. Minha visão morre.

Droga! Céus, preciso de meus óculos!

Abrando.

No instante a seguir sinto algo como uma tábua de madeira pesada bater em minha nuca.

O chão acolhe-me. Rolo na lama, meu cérebro suplica por sossego. Mesmo com os olhos abertos não consigo vê-los, as coisas estão nubladas demais. Ao que tudo indica, o número dois, o ladrão da minha aliança banhada em ouro puro, minha aliança dourada como a luz do sol do meio-dia; foi esse gatuno desgraçado que me bateu com a tábua de madeira.

De imediato, sou meio que amarrada em torno dos pés, eles usam uma corda de pesca para que eu não consiga sair novamente. Obrigam-me a levantar.

O sol está prestes a nascer, a alvorada aquece o dia. O terreno onde estamos é grande, arrependo-me de ter sido tola e fraca ao ponto deles conseguirem meter-me naquele carro branco. É o pior natal que eu estou a ter. Maldita hora que fui posta na porcaria daquele carro branco, eu não sabia que eles fariam isso comigo.

O Osvaldo vai pagar com vida por tudo isso.

Juro por Zeus, Hades, Atena, e outros deuses gregos que existirem; eu juro pelos Ondeles, pela Ocilyango que dança nua sobre a porta de todos homens miseráveis; juro por tudo, Osvaldo vai pagar com vida por todo esse caos que tem causado em minha vida.

O número dois, alto e quase tão forte quanto o outro, carrega-me sozinho pelo colo. Eles não se deram ao trabalho de amarrar as minhas mãos, eles notaram que a batida em minha nuca mexera com a comunicação da minha mente e corpo. Quando mando minhas mãos sacudirem a face do desgraçado número dois, elas simplesmente não me obedecem. Quando tento mover os pés, eles ficam estáticos.

Osvaldo... meu marido, por causa de uma traição é que me fazes passar por isso? Penso. Como um homem que divide a mesma cama comigo consegue mandar pessoas cruéis atrás de sua esposa?

Meu corpo derruba na palha.

Escuto eles a afastarem, a porta fecha. Tudo fica em silêncio. Um fio de lágrima escorre pelo lado direito da minha face.

— Eles são muito grandes, se você tentar fugir eles não vão te deixar — diz alguém para mim.

Olho em volta, o lugar é escuro, apenas as míseras riscas de luz flavescente do sol que entram pelas brechas da porta e do telhado são vistas.

— Quem é você!?! — pergunto, mas minha voz sai baixa.

Por algum motivo que desconheço, ele tem uma ótima audição.

– Meu nome é *Ralopib* – responde ele. – Se você quiser, podemos planejar fugir juntos daqui. Mas lembre, meu nome é Ralopib.

Percebo que ele também está amarrado nos pés, nas mãos e tem grandes cicatrizes na faceta. São sinais de lutas, deduzo que ele está aqui há mais tempo que eu. Viro o rosto e encosto a cabeça na palha, a dor ainda oscila minha cabeça.

– Você tem família? – pergunta ele, com sua voz tranquila.

– Sim – digo. – Mas agora já não sei. Foi meu próprio marido que mandou eles me fazerem isso. Como é que alguém pôde fazer isso? Eu sei que não fui uma boa esposa, mas ele não tinha que fazer isso. Eu sou a esposa dele, caramba.

Caio numa melancolia pesada.

– Eu sei – diz ele, compreendendo o que narro. – Às vezes, tudo o que vivemos não passa de uma ilusão. Não percebemos nada se não invertermos a ordem e começarmos tudo de novo.

– É... – concordo. – Faz sentido, agora juntando as peças, vejo que o Osvaldo sempre deu indícios de violência. Na fase do namoro ele já chegou de me bater.

Ele concorda com a cabeça.

– E qual é o teu nome, moça? – pergunta.

– Meu nome é Clélia – digo. – Sou a Clélia, é esse o meu nome.

Ele sorri, além das cicatrizes, vejo que é uma pessoa feliz. Ele sim compreende minha dor. É estranho achar alguém e, em tão pouco tempo, já ter uma conexão. Não é só algo que pode ser sentido ou explicado, é uma conexão seguida de um olhar inteligente.

– Nome bonito – diz para mim.

Pela primeira vez, sinto-me segura. Os olhos do Ralopib transmitem-me segurança, a mesma segurança que sentia quando estava perto de meu amado marido, antes de ele mudar drasticamente e passar a mandar homens atrás de mim. Ralopib tem a íris cinzenta como os dias de chuva, isso me faz crer que ele fala comigo pelo olhar, tornando o meu natal manso; tão manso e tranquilo como ler um livro durante uma noite de chuva.

– Esses homens são maus – confessa Ralopib para mim –, eles não têm pena de nós. Eles nos roubam de nossas casas e nos trancam aqui pra nos matarem. Eu já tentei fugir umas trinta vezes, mas sempre me apanham. Por isso desisti, tirei um ano para pensar em como fugir daqui.

– Como faço pra fugir daqui? – pergunto, aflita.
– Por favor, me fala!

Minha voz voltava ao normal aos poucos, mas eu continuo com a cabeça apoiada sobre a palha.

Ralopib observa meu corpo, ele não tira os olhos de mim por nenhum segundo. Sinto-me violentada, apenas meu amado marido olhava-me daquela maneira, antes de fazer o que fez. Eu era a mulata dele e ele o meu café.

Será que sente a minha falta?!

Por mais estranho que possa ser, eu não consigo mover minhas mãos, é como se estivessem amarradas por alguma coisa quando, na verdade, são meus pés que estão amarrados.

A porta abre-se. Entra o *número um*, ele usa uma camisa branca, é um pouco mais grande que o *número dois*. *Número um* encosta até mim, agarra as minhas duas mãos.

A dor faz-me lamuriar.

Num piscar de olho, Ralopib encosta perto de mim. Consigo, sem querer, esticar minhas mãos para ele, pedindo ajuda. De repente, a corda em meus pés solta-se. O *número um* tenta manter-me firme no chão, mas eu faço confusão. Abano os pés e chuto ele para longe. O desgraçado vai distante de mim. Ralopib ajuda-me, ele mostra-me uma faca no chão. Enquanto olha-me nos olhos, consigo ver muita dor dentro dele.

— Eu não posso ajudar muito — diz ele —, senão eles também vão me bater. Usa aquela faca.

O *número dois* entra, corro em direcção à faca. Ele agarra-me pela cintura.

Droga... Merda!! Maldito número dois.

– Me larga, caralho... me larga, porra!!! Me deixa... Seu desgraçado, assassinos...

Grito enquanto luto com ele.

– Clélia – o número dois grita pelo meu nome.
– Pára com isso, por favor!

Escutar o meu nome a sair pela boca de um filho da mãe desgraçado fez-me encher de fúria.

O Osvaldo até meu nome deu pra eles?!

Com uma força de outro mundo, mando a cabeça para trás e acerto em seu nariz... escapo das garras dele e consigo pegar a faca.

– Usa a faca, Clélia – Ralopib grita para mim.

O número dois vem até mim. Ele está com o nariz quebrado, e furioso como um leão. Levanto a mão, levo a faca até ele e mergulho. Ele trava o golpe, vejo minha aliança em seu dedo. Ele empurra-me contra a parede, olha-me nos olhos. Seus olhos parecem familiar, são pretos, tão bonitos como os olhos de pantera. Quase vacilo, mas mordo o seu braço e chuto os testículos dele. Ele descuida-se, abaixa, rende-se a dor. Sem perder a única chance que obtenho, afundo a faca em seu peito, acerto o seu coração de pedra. O sangue pegajoso e frio respinga em minha mão.

Ele ainda tem forças, levanta a cabeça e leva-me de novo contra a parede, porém, em nenhum momento largo a faca. Enfio ela com mais força, movendo a arma de um lado para o outro, causando nele uma dor paranormal. Suas mãos fortes que me detinham afrouxam, ele faz cara de aflito. Consigo ver sua alma

deixar-lhe o corpo. Enquanto aperto firme a faca, ele permanece intacto, olhando-me com seus olhos negros. De repente, aqueles olhos tornam-se sombrios e, sem que eu esperasse, alguma coisa deixa de cintilar naquele olhar.

O número dois cai em meus pés.

– Merda... Clélia – o número um grita –, meu Deus! O que você fez!? O que você fez?

Largo a faca assustada. De alguma maneira, eu fico com medo de ouvi-los chamar pelo meu nome.

Como podem pessoas cruéis saberem meu nome?

Eles são desgraçados, sequestram pessoas e afastam elas de suas famílias.

– Clélia... – escuto a voz delicada de Ralopib. – Clélia, eles me bateram.

Vejo sangue nos cantos da boca de Ralopib.

Fico nervosa, frustrada, para ser exata. Abaixo e apanho a faca.

– Clélia, pára! – número um grita. – Acorda! Acorda!

O número um tem a cara meio arredondada, sua barba bem-feita deixa-me confusa; a forma como ele pronunciou as palavras “Acorda! Acorda!” assustou-me.

Lanço-me contra ele.

Ele acerta-me com um murro no rosto. Sinto uma dor surreal no queixo. Recuou, tentando encontrar um ângulo perfeito para a matança. O número um lança-se contra mim, rolamos no chão. Ele domina-me, bate

em meu rosto... uma, duas, três e quatro vezes. Meu rosto rasga de tanta bofetada. Sinto o sabor de meu sangue.

Ele pára de bater, permanece em cima de mim, observando-me como louco.

Respiro fundo.

Já não tenho nada a perder.

Com a faca presa na mão, rasgo seu ventre. Ele sai de cima de mim, seu sangue goteja... ele tenta escapar pela porta. Eu apresso-me e penetro a faca em suas costas; tiro a faca e coloco de novo. Ele ruga como animal selvagem, vira-se e chuta meu rosto. Sou recebida pela palha. O desgraçado continua a gatinhar, tentando escapar. Ergo-me, marcho até onde ele desfila, esfaqueio o imbecil várias vezes. Corto seu peito, pescoço, rosto, barriga... golpeio ele até ver todas suas tripas e entranhas expostas e o sangue escorrer por todo o chão.

Minhas mãos ficam manchadas de sangue, meu vestido torna-se num escarlata de carmesim.

Lembro do Ralopib, meu companheiro de solidão. Ele está ali, no canto, a soluçar sem parar. Deixo cair a faca, vou consolá-lo. Abraço-o, a sua pele castanha é pálida como o gelo. Parece até que não corre sangue nas veias. Sem querer, deixo ele manchado um pouco pelo sangue de meu vestido. Ao passar a mão em seu rosto, acabo por deixar uma linha de vermelho rubro nele.

— Você tá bem!?

Ele faz que sim com a cabeça, mas sinto que ele não está bem.

Escuto muitos passos, parecem pessoas a correr nesta direcção. Em fracção de segundos, um homem entra acompanhado de uma mulher. A mulher é minha mãe, *Solange*. O homem é meu pai, *Ernesto*.

Largo Ralopib, assim que levanto e tento abraçá-los, eles afastam-se de mim.

— Mãe — falo, triste. — Sou eu, Clélia, mãe. Esses homens queriam nos matar. Queriam matar eu e Ralopib. Ralopib, vem... vem contar pra eles. Lá fora tem muitos mortos, mas eles não conseguiram nos matar. Ralopib, vem contar.

Meus pais olham-me com medo.

— Que coisa você fez, filha? — pergunta meu pai.
— O que você fez?!

Não consigo entendê-los.

— Filha, estás a falar o quê?! Quem é esse Ralopib, minha filha? — insiste minha mãe, ela deixa cair vários fios de lágrimas.

Olho para trás, mas Ralopib já não está lá. O lugar está vazio.

— Filha... — mamã gagueja.

Minha visão volta ao normal.

Vejo o quarto bagunçado, uma faca no chão. O ladrilho branco do quarto está coberto de sangue, sangue do Mateus, meu amante e médico. Todo o corpo do Mateus está desfigurado, as tripas saíram

para fora. Mais para lá, perto da cama, vejo uma
camisa de força.

Devem ter usado em mim.

E, então, para dar fim a toda minha pacata vida,
vejo Osvaldo, meu marido, morto no chão.

Dou-me conta do que fiz.

– Filha... – diz meu pai.

Afasto-me deles, eu acabara de me tornar numa
assassina sem querer. É, de facto, um natal macabro.



EPÍLOGO

30 | DEZEMBRO

Carta de Ernesto, pai da Clélia, para os pais do Osvaldo:

Prezados, após o enterro do vosso amado filho Osvaldo, aconteceu outro desastre que pretendo entrar em detalhes no decorrer da carta.

O Osvaldo foi um homem de respeito, ele provou, até seus últimos momentos de vida, que amava a Clélia. Talvez vocês não entendam, mas o Osvaldo sabia de quase tudo que pretendo transcrever-vos aqui.

A Clélia, por mais que fosse normal por fora, ela era uma pessoa muito instável. Seu transtorno era um fardo terrível. Ela esteve em toda sua vida sujeita às terapias e medicações. Por vezes dependiam muito dos sintomas; às vezes recebia antipsicóticos, mas

quase sempre estabilizadores de humor e, de vez em quando, antidepressivos, mas esses eram perigosos porque podiam desencadear hipomania. Ela precisava de tudo aquilo junto, algumas vezes. E mais os comprimidos para os efeitos colaterais, porque tinham efeitos colaterais.

O Mateus, médico particular da família, usava a Clélia um pouco como cobaia porque o ciclo dela era rápido, ou seja, a Clélia mudava entre altos e baixos de forma veloz e a ideia era mantê-la no estado neutro, nivelada — por isso o Mateus passou a acompanhá-la em muitas actividades, isso influenciou a Clélia a passar ao ginásio também.

O problema, meus queridos companheiros, após o casamento de minha filha e o vosso filho, Clélia passou a ficar muito feliz. E isso era um problema. A felicidade escapava ao controle dela. Aí minha filha parava de raciocinar, não tomava os remédios e começava a passar dos limites. Não comia. Não dormia. Agia quase como uma demente. Além de hiperativa e irracional, fazia coisas malucas porque tinha ideias malucas. E aí ficava enlouquecida. Por fim, ela percebia do que fizera e entrava em depressão. Aquilo era um paradoxo.

Após tudo mencionado, ela ficava mais hiperativa e irracional e, se a situação piorasse, a única coisa que ela queria era dar um fim em tudo. Infelizmente, o desastre que levou o vosso filho e o médico da família à morte, surgiu por ela ter perdido o controlo de novo.

Tudo começou quando ela passou a ter alucinações e delírios. Segundo a própria Clélia, em sua cabeça, ela era amante do Mateus, uma coisa absurda que só podia sair de sua cabeça louca. Mas, depois de árduas investigações, descobriu-se que o Mateus não passava de um patife, ele aproveitou-se sim da Clélia, teve relações com ela durante uma consulta de rotina. Daí do triste ter acontecido.

É pesado ter que escrever isto, mas por causa do aproveitamento que Mateus tivera da Clélia, minha filha chegou ao extremo de ir até ao gabinete do Mateus e informá-lo de que o Osvaldo conspirava contra eles. A Clélia já estava em um estado gravíssimo.

Mateus ficou preocupado e informou o Osvaldo sobre a terrível situação de sua esposa, mas isso não muda a situação de que o Mateus era um filho da mãe desgraçado; espero que apodreça no inferno.

Osvaldo após ter percebido o estado da esposa, ligou para o imbecil do médico na manhã do dia 23 de Dezembro. Ambos, naquela manhã de quinta-feira, decidiram levar a Clélia para uma clínica de deficientes mentais, mas não deu lá muito certo. O Osvaldo não conseguia abandonar a sua esposa, levado pelo amor, optou em manter a esposa num quarto da casinha dos fundos. Por algum motivo que desconhecemos, a Clélia fugiu no dia seguinte. O Mateus e o Osvaldo foram atrás dela, vestiram-na com uma camisa de força e trouxeram-na. O descuido da

empregada, ao limpar o quarto um dia antes e ter deixado uma faca lá, fez o que fez.

A Clélia atingiu o pico, matou o marido e o médico. Talvez por ela ter frequentado o ginásio tenha ajudado muito.

Não tentem entender como, por favor, já é doloroso imaginar. Todos sabemos que a Clélia era pequena, não sabemos de onde veio tanta força.

Foi assustador quando eu e a minha amada chegamos ao quarto, ninguém sabia da situação, era um dilema familiar. Os empregados haviam sido dispensados durante aqueles dias, éramos só nós na fazenda. A Clélia estava irreconhecível, em suas mãos havia muito sangue, seu rosto deformado e repleto de machucados. Ela já nem sabia a diferença entre o real e o imaginário.

Dias depois, a Clélia encontrou a sua aliança dourada sobre o balcão da cozinha, onde deixara na manhã do dia 23. Foi a primeira vez que ela sorriu, depois da morte do marido. Nem aos filhos ela queria mais ver. No final de tudo isso, ela caiu novamente em depressão. Perdoem-me pelas gotas de lágrimas no papel, mas os remédios deixaram de fazer efeitos. E, na madrugada do dia 26, ela rendeu-se a dor e culpa. Ao lado de seu corpo encontramos um bilhete que dizia:

“Para o mar; sim, quero ir para o mar junto de meu marido. Perdoem-me por ser uma demente, o mundo não é

para mim. Onde estou sempre há caos, machuco aqueles que amo. Não aguento mais."

Junto desta carta, envio também as cinzas de minha querida filha Clélia, que descansa em paz. Joguem suas cinzas no mesmo mar que jogaram as do vosso filho Osvaldo, para que assim eles possam estar juntos.

Recebam, novamente, os meus pêsames pela perda de seu querido e venerado filho. Como dizia Machado de Assis, *"a filosofia tenta achar razões de conformidade para estes dilemas da vida, mas a natureza sempre há-de contestar contra a dura necessidade de perder os nossos caros amados"*. Felizmente, eles viveram tempo necessário para verem a face do filho, depois da face da primogênita. Minha esposa também manda seus pêsames.

Do velho amigo, Ernesto Mpinto, de Luanda para Portugal.



NOTA DO AUTOR

Eu sei que você deve ter questões sobre a narrativa que terminou de degustar. Mas, antes que você exploda com questionários em torno da obra, quero que saiba que a morte da Clélia será definida por sua capacidade de imaginar. Talvez ela tenha morrido de depressão, ou talvez sua morte seja metafórica, enfim, você decide.

Seja como for, a ideia da estória foi fazer uma chamada de atenção a todos os angolanos sobre a dura realidade da depressão. A depressão é real, um grande inimigo invisível. E, claro, a obra também serviu para fazer uma crítica directa a todos os profissionais aproveitadores. O foco do enredo não foi simplesmente chamar a sua atenção para a seriedade que os transtornos mentais têm. Também quis deixar claro que se aproveitar dos pacientes e empregados

constitui um crime no nosso país, e uma tremenda falta de ética.

Levei meses para montar o arco da Clélia. Ela é, de todos personagens já criados por mim, muito diferente. Nem eu, enquanto escrevia o final, conseguia sentir toda dor que a Clélia sentiu ao perceber que matara seu próprio marido.

Eu, enquanto pincelava cada parágrafo desta obra, procurei deixar bem claro como a água que o Mateus aproveitou-se de sua paciente. Não interessa se a Clélia cedeu, ou se ela ficou encantada pela beleza do Mateus. Pelo simples facto da Clélia ser a paciente, isso deixou evidente a falha do Mateus. Nesta senda, o verdadeiro culpado pelo desastre é ele.

Se você quer um vilão, então olhe para os líderes políticos e religiosos aproveitadores, olhe para os patifes e charlatões que colocam um preço na fé de pessoas inocentes. Os vilões são todos os sem moral.

Quantas vezes você não ficou abalado ao ver na televisão notícias sobre reclusos abusados pelos agentes prisionais? Sobre féis que foram burlados pelos assim chamados de pastores? Quanto sangue nosso pobre país não derramou por causa de líderes políticos que se aproveitaram das boas intenções de pessoas? Quantas vidas, como do Osvaldo e da Clélia, vimos a acabar por um erro que poderia ser evitado se alguém tivesse tido ética no momento certo? Quantos trabalhadores ficam sem salários por meses enquanto o patrão enchem o ventre com iguarias? Quantos

professores aproveitaram-se de suas alunas? Quantas editoras exploraram seus artistas?

Você reparou que o índice de suicídio em Angola tem aumentado?

Pulsos cortados, frascos de comprimidos vazios; é tudo real, só não vê quem não quer.

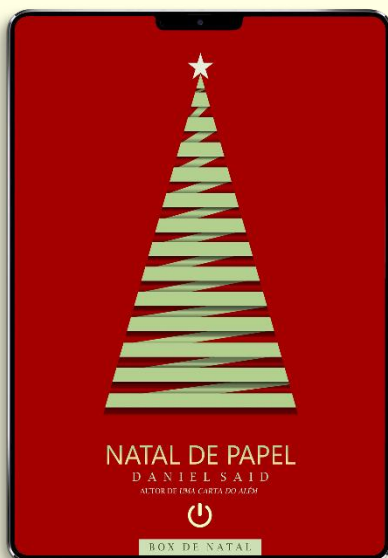
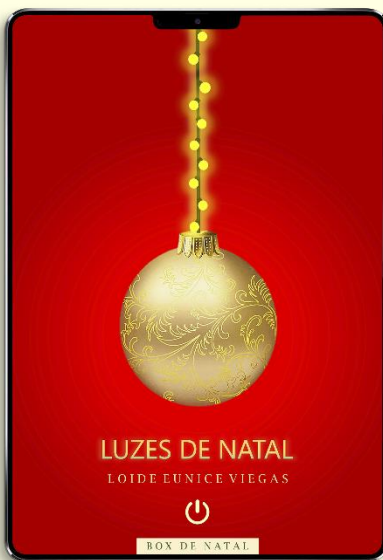
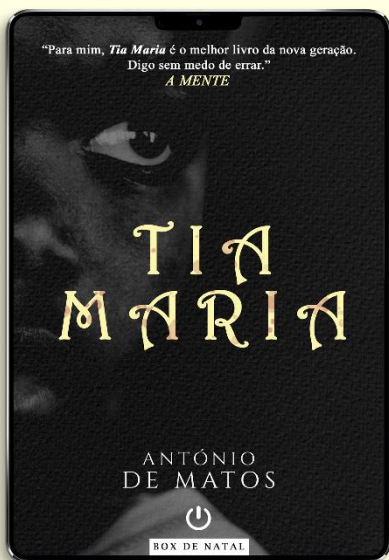
Assim como a Clélia, em Angola temos muitos jovens que padecem com algum transtorno mental. Eu dramatizei o enredo porque livros são diferentes da vida real. Mas a ideia permanece, é errado aproveitar-se dos outros e, sim, a depressão é real.



AGRADECIMENTOS

Agradeço imenso ao canal *Neurologia e Psiquiatria TV* do Youtube; A Clélia só existiu graças aos vídeos informativos deste canal. Também agradeço ao meu amigo e leitor beta *Francisco Nkula*, ele ajudou muita na hora da matança dos personagens.

Ao Matos, meu editor e mano mais velho, agradeço pelas dicas e sugestões a fim de melhorar a trama. É como disse S. King: "*O editor tem sempre razão*". E, agora, quero agradecer especialmente a você. Obrigado por dar vida em meus textos, o que escrevo só ganha vida quando você lê, por isso agradeço.



COLEÇÃO: BOX DE NATAL

BAIXA EM: inputeditora.blogspot.com



INPUT-EDITORA

nós somos você

PARCEIROS

